
A DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR: PRÁTICAS E DESAFIOS

Hélio Mangueira de Almeida¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo pontuar práticas e desafios docentes utilizando a didática no ensino superior, pois a forma de ensinar está cada vez mais voltada para as necessidades e realidades vivenciadas pelos alunos, de acordo com sua comunidade e meio social. Mas a ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos de amplitude, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela. Ampliar as práticas e desafios de forma a atender não somente o meio social do aluno significa prepará-lo não só para a comunidade na qual vive, mas para todo o meio social.

PALAVRAS-CHAVE: didática; ensino; práticas; desafios.

INTRODUÇÃO

A história da didática surge das ações de Comênio (1592-1670), que tinha como objetivo reformar a escola e o ensino. Esse termo deriva do grego, cuja significação é “arte de ensinar”. O fundamento da didática magna de Comênio era ensinar tudo a todos, deixando a formação de um homem ideal em segundo plano.

Práticas e desafios sobre a forma de ensinar estão cada vez mais voltados para as necessidades e realidades vivenciadas pelos alunos, de acordo com sua comunidade e meio social. Mas a ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos de amplitude, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade

¹Professor graduado em Língua portuguesa, pela Universidade Luterana do Brasil, especialista na área Ensino de Geografia, pela Faculdade Latino Americana e Mestrando em Ciências da Educação pela Anne Sullivan University. E-mail: heliomangueira@hotmail.com

limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela. É de fundamental importância trabalhar técnicas voltadas à realidade e meio social em que o aluno está inserido, porém não se deve focar somente nesse contexto, engessando a sua aprendizagem de forma a torná-lo limitado em sua comunidade ou meio social.

Diante desses pressupostos, o fazer didático que deve ser aplicado, é o que possibilitará a reflexão em relação a cada situação de aprendizagem, partindo da realidade em que professor e aluno estão inseridos e expandindo essa aprendizagem para outras realidades e meios sociais, para que o discente detenha as variadas formas de vivência e habilidades.

Os desafios e práticas docentes devem ser exercidos além de uma simples renovação pedagógica de novas formas de ensinar e aprender. Isso remete a superação da visão instrumental didática, em direção a uma didática fundamental.

DESAFIOS DIDÁTICOS

Saber lidar com alunos em sala de aula, manter a harmonia no ambiente, concentração nas disciplinas ministradas e assimilação dos conteúdos são uma tarefa desafiadora para o professor. Isso por que a globalização, acompanhada da tecnologia, traz um envolvimento de distração ao discente em relação às atividades em sala de aula. Mas como agir diante de tamanho desafio?

De acordo Içami Tiba (2006), a aula deve ser como uma boa refeição, capaz de despertar o paladar, tem de ser saborosa, ter um cheiro atraente, que mesmo sem estar com fome, irá fazer o aluno querer provar, transformando essa degustação em algo inesquecível e saboroso. Do contrário, uma refeição mal preparada e desagradável ao olhar, faz com que o indivíduo não sinta vontade de comer, mesmo que esteja com fome, pode até provar, mas logo deixará de lado por não ser agradável.

Diante disso, cabe ao professor buscar as ferramentas adequadas para atrair a atenção do aluno, despertando nele a vontade de aprender e continuar aprendendo. Os equipamentos audiovisuais auxiliam muito nesse caso, no entanto, não são suficientes. O planejamento, a metodologia, o diálogo, são essenciais para o sucesso da aula.

Outra forma de atrair o aluno a participar dessa dialética ensino/aprendizagem é envolvê-lo na aula, perguntando sobre assuntos anteriores, fatos ocorridos na aula passada, falas colocadas em ênfase e argumentos convincentes ou não. Estimular nos alunos o desejo de assistir as próximas aulas, já antecipando algo interessante é fundamental, pois serve como aperitivo, despertando nele a vontade de participar da próxima discussão.

A POSTURA DO PROFESSOR NA SALA DE AULA

Estar aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, faz do professor um ser que ensina, respeita, e não um ser que só transfere conhecimento. Segundo Freire (2006), o educador já não é apenas o que educa, mas o que , enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a postura do professor na sala de aula deve ser democrática, de respeito mútuo e de flexibilidade em relação ao ponto de vista do aluno, sabendo associar sua mediação ao conhecimento dos discentes, ampliando esse conhecimento de forma a somar com o já adquirido pelo aluno no meio social em que vive. É importante saber qual é a visão do aluno em relação a um determinado assunto, pois é dessa forma que o professor mediador constituirá um caminho para ampliar esse ponto de vista ou até mesmo reverter essa ideia que poderá ser equivocada.

Impor-se na sala de aula, como se fosse o detentor do conhecimento e o “dono do saber ou da razão”, não é o melhor caminho. O professor que age de forma imperativa, sem diálogo, sem ouvir as justificativas dos discentes, está influenciando-o a perder o interesse pela a aula. Sabe-se que há professores de postura imperativa e grotesca, onde quer mostrar para o aluno que ele é quem manda na sala de aula, deixando o aluno privado de aprender sobre determinado assunto por conta de um ou dois minutos de atraso, na maioria das vezes ele nem começou a apresentar o conteúdo e nem fez a chamada, mas mesmo assim, não permite a entrada do aluno na sala, alegando que se o mesmo tivesse interesse, estaria ali presente desde o início.

PRÁTICAS CONTRADITÓRIAS

Na educação básica de ensino a postura do professor está voltada para uma forma de diálogo e de mediação. O aluno deve participar das aulas, tendo em vista que o docente ali presente não é o detentor do conhecimento e que a sua presença na aula é uma forma de incentivar o discente a desenvolver ou despertar o interesse pelos conteúdos e colocá-los em prática. Contudo, ao ingressar no ensino superior, a realidade é diferenciada da vivida por ele na educação básica. A forma de mediação dos assuntos desenvolvidos na sala de aula passa a responsabilizá-lo com mais ênfase, a cobrança por conhecimento de assuntos específicos são constantes, fazendo com que o aluno busque em tempo mínimo ao que era acostumado, a desenvolver hábitos e compromisso com a leitura. O problema é que se ele não está engajado nesse tipo de cobrança desde a educação básica, acabará abandonando a escola e não obtendo êxito de conclusão dos estudos.

O fato relevante é que ainda há um enorme abismo em relação à didática aplicada no ensino básico para o ensino superior, dificultando o desempenho de alunos que não tiveram ensino de qualidade na educação básica ou que estudaram de forma muito restrita em relação aos conteúdos e métodos de ensino. Diante desse pressuposto, pode-se dizer que a maneira como a maioria dos alunos de escolas públicas chega ao ensino superior não lhes dão condições que acompanhar de forma eficaz os métodos de ensino do professor, pois infelizmente a didática aplicada por muitos desses docentes ainda tem muito do tradicionalismo. Não se afirma aqui que isso seja o principal problema da aprendizagem, mas que pode se tornar um grande problema quando a educação básica desse aluno foi aplicada com métodos opostos, mesmo que parcialmente, ao dos professores do ensino superior.

MÉTODOS TRADICIONAIS

O método tradicional de ensino surgiu no século XVIII, a partir do Iluminismo. Tinha como principal objetivo expandir o acesso ao conhecimento. Esse método possui um modelo firmado e certa resistência para aceitar inovações.

As escolas que adotam métodos tradicionais acreditam que a formação de um aluno criativo e crítico dependem da bagagem de informações adquiridas e de

conhecimentos consolidados por eles. O professor é o transmissor e detentor do conhecimento e mantém certa distância do aluno, deixando-o como um ser passivo na sala de aula. As avaliações são periódicas, envolvendo provas com a função de “medir” a capacidade individual dos discentes, onde o quantitativo prevalece sobre o qualitativo.

Pode-se afirmar que os métodos utilizados no ensino superior são parcialmente aplicados de forma tradicional, mesmo envolvendo um pouco de inovação como o uso de equipamentos tecnológicos, mas a postura de professores em relação à forma de avaliar, ainda provém muito do “medir” conhecimento. Segundo Mizukami (2001), na abordagem tradicional o aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores; é instruído e ensinado pelo professor.

Dessa forma a inteligência é concebida pelo acúmulo de informações. Os métodos tradicionais têm como objetivo a transmissão de conteúdos definidos, onde a variedade e a quantidade de noções, conceitos e informações prevaleçam sobre a formação do pensamento reflexivo.

PROFESSOR REFLEXIVO E PESQUISADOR

Refletir significa pensar excessivamente, meditar sobre algo. O professor reflexivo é aquele que medita, pensa o seu fazer pedagógico e seus conceitos didáticos. Segundo Cadau (2000, p.89):

[...] o educador nunca estará definitivamente “pronto”, formado, pois que sua preparação, sua maturação se faz no dia a dia, na mediação teórica sobre sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diurna sobre os dados de sua prática. Os âmbitos do conhecimento que lhe servem de base não deverão ser facetadas, estanques e isoladas de tratamento do seu objeto de ação: a educação. Mas serão, sim, formas de ver e compreender globalmente, na totalidade, o seu objeto de ação.

A necessidade do professor repensar sua prática pedagógica é fundamental para a construção do conhecimento e problematização de hipóteses. O professor reflexivo vai além dos muros da escola, pesquisa, inova e transforma. Aplicar métodos inovadores na didática do ensino superior, como pesquisas voltadas para o meio social, partindo de sua realidade e abrangendo essas pesquisas para uma

amplitude, desenvolverá no aluno uma capacidade crítica e reflexiva dos conteúdos assimilados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, cabe ao professor buscar as ferramentas adequadas para atrair a atenção do aluno, despertando nele a vontade de aprender e continuar aprendendo. Os equipamentos audiovisuais auxiliam muito nesse caso, no entanto, não são suficientes. O planejamento, a metodologia, o diálogo, são essenciais para o sucesso da aula. Estar aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, faz do professor um ser que ensina, respeita, e não um ser que só transfere conhecimento, a ação do professor precisa estar embasada também em fins pedagógicos de amplitude, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela. É de fundamental importância trabalhar técnicas voltadas à realidade e meio social em que o aluno está inserido, porém não se deve focar somente nesse contexto, engessando a sua aprendizagem de forma a torná-lo limitado em sua comunidade ou meio social.

A aula deve ser atraente, planejada, participativa e acolhedora, pois avaliar o aluno através de métodos tradicionais pode lavá-lo ao fracasso, “medi-lo” por acúmulo de conteúdos supostamente armazenados não irá transformá-lo num ser crítico e reflexivo, mas transformá-lo em um ser mecanizado, robótico, onde o professor fala e o aluno na sua passividade acumula o que foi falado e armazena na mente para transmitir a outros da mesma maneira que foi transmitido a ele.

É importante que seja construída uma visão crítica sobre a metodologia no processo de ensino- aprendizagem, conduzindo a pensar na necessidade da capacidade do professor em refletir em favor de uma metodologia que seja atrativa e interessante. Dessa forma, Zabala (1998) afirma que:

As atividades de ensino devem promover aprendizagens mais significativas e funcionais possíveis, que tenham sentido e desencadeiem uma atitude favorável para realizá-las, que permitam o maior número de relações entre os distintos conteúdos, que constituam estruturas de conhecimento, por um lado. Por outro, devem facilitar a compreensão de uma realidade que nunca se apresenta compartimentada (p.186).

Portanto, a didática do ensino superior traz práticas e desafios, onde se faz necessário o desenvolvimento de ambientes de ensino- aprendizagem com condições para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, levando-os a aprender de forma crítica e reflexiva. É importante também que o professor assuma a função de criar situações para momentos de questionamentos, desacomodações, propiciando situações de desafios a serem vencidos pelos alunos, para que possam construir conhecimentos e aprender além do seu meio social, com amplitude de conhecimentos onde não se sintam engessados à realidade fora do seu cotidiano.

ABSTRACT

This article aims to punctuate practices and challenges teachers using the teaching in higher education because the way of teaching is increasingly geared to the needs and realities experienced by students, according to their community and social environment. But the action of the teacher must be well grounded in educational purposes amplitude, for work only the social environment the student may mean that the intention of the school is imprisoning him in a limited reality, where it could not be anything other than that provided by it. Enlarge practices and challenges in order to meet not only the social environment means the student prepare you not only for the community in which he lives, but for the whole social environment.

KEYWORDS: teaching; education; practices; challenges.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CADAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 2001.
- TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação**. 18. ed. rev. e atual. São Paulo: Integre, 2006.



ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.